



Flor do Carmelo

Boletim informativo da Ordem Secular dos Carmelitas Descalços
N.º 17 – 2005

Do Natal à Páscoa

É um facto, poucas vezes notado, mas que merece atenção: o Evangelho de S. João, depois de se abrir com a proclamação do Verbo, termina com a passagem da doação do Espírito aos discípulos por Jesus ressuscitado. Da carne ao Espírito: tal é, portanto, graças a Cristo, o processo deste Evangelho... a missão do Verbo feito carne fica consumada com o envio e doação do Espírito. Sintetizando um texto de Santo Atanásio, escreve um autor: “O Verbo as-sumi a carne para que nós pudéssemos receber o Espírito Santo”. É a melhor recapitulação do Evangelho de S. João.

Uma das particularidades próprias do Novo Testamento consistirá precisamente em afirmar a existência de uma relação absolutamente única e singular entre o Espírito e a pessoa de Jesus, Messias e Filho de Deus. E, entre os livros do Novo Testamento, o Evangelho de S. João ocupa o lugar de destaque.

A relação entre Cristo e o Espírito domina, por assim dizer, todo o pensamento, de S. João. Podemos afirmar: a teolo-gia de S. João é fundamentalmente cristocêntrica, mas a relação entre Cristo e o Espírito domina e percorre toda a sua cristologia.

Enquanto que os profetas participavam somente do Espírito na medida em que Deus o concedia, Jesus possui em si mesmo o Espírito sem medida, em plenitude. Jesus não recebe o Espírito: toda a sua pessoa é Espírito. Não se lhe dá o Espírito em depósito, pertence-lhe em propriedade. O Espírito repousa n'Ele, é o próprio fundamento do seu ser.

Escreve o P. Congar: “Já tive ocasião de dizer inúmeras vezes: Se eu tivesse uma só conclusão a manter, dos estudos que fiz sobre o Espírito Santo, haveria de formulá-la assim: não há Cristologia sem Pneumatologia, não há Pneumatologia sem Cristologia”.

O cristianismo tem na pessoa histórica de Jesus a sua entranha e o seu centro. Mas isto não é tudo, uma vez que Jesus está dirigido ao Pai a quem revela e ao Espírito a quem envia aos seus discípulos. Em certo sentido, o cristianismo está todo completo em Jesus, mas está dependente da realidade que lhe dá sobrevivência histórica e fecundidade universal. Essa realidade é o Espírito Santo. Sem Espírito Santo não existiria o cristianismo, Cristo teria passado à história.

O Espírito é que dá a conhecer Jesus como o Filho preexistente, o enviado e o encarnado. O Espírito não é Cristo, contudo, são inseparáveis, de maneira que não há outro Cristo senão aquele, que, sob a acção do Espírito e no meio da comunidade, se torna presente como Senhor.

Se Jesus era todo Ele dependência e obediência ao Pai, de maneira que a sua ‘substância’ era a sua missão – o seu alimento era fazer a vontade do Pai – o Espírito é actualização, interiorização e interpretação de Jesus.

Como Jesus nasceu no seio de Maria pela acção do Espírito Santo, também nasce em cada um dos seus discípulos pelo mesmo Espírito. Que interesse teria para os cristãos Jesus ter nascido em Belém se não nascesse hoje em cada um de nós? Que benefício me traria o fogo do Pentecostes se ele não fosse derramado sobre mim?



Esta é a missão do Espírito: converter os acontecimentos da vida local e temporal de Jesus em 'mistérios' de vida para cada homem a fim de o tornar contemporâneo e co-protagonista do destino pessoal da vida filial e da obra salvífica de Cristo.

O Espírito converte o acontecimento, toda a vida de Jesus, os seus gestos e palavras, em sacramento e dá-lhe capacidade santificadora. Por isso mesmo, não há acção litúrgica que não vá precedida e acompanhada da invocação do poder transformante, criador e recriador do Espírito Santo.

Sem a presença do Espírito Santo, a pessoa de Jesus e o seu acontecimento pascal não seriam uma realidade para nós. Como dizia Mons. Inácio Hazim, metropolitano ortodoxo de Lataquie: "Ele [Espírito Santo] é pessoalmente a novidade em acto no meio do mundo. Sem Ele Deus estaria longe, Cristo reduzir-se-ia ao passado, o Evangelho seria letra morta, a Igreja uma simples organização, a autoridade poderio, a missão simples propaganda, o culto uma evocação do passado e o agir cristão uma moral de escravos".

P. Jeremias Carlos Vechina

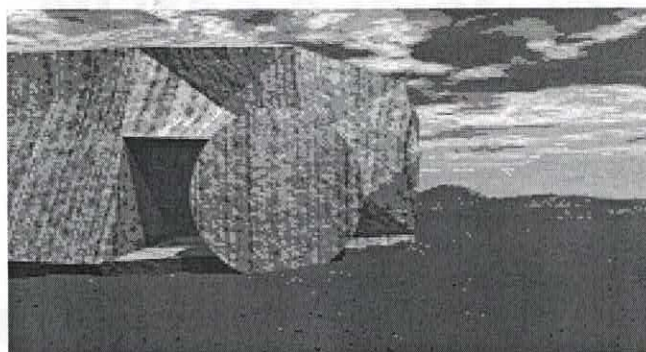
Espera a ressurreição

Tempos difíceis podem trazer consigo mais perguntas que respostas. A nossa caminhada da Quarta-feira de Cinzas para a Páscoa, neste ano, encontra-nos fazendo face às questões da guerra, do terrorismo, de problemas económicos e de muitos desafios pessoais. À medida que reflecto nisto, vem-me à mente a cena dos discípulos que, com Maria, esperavam ansiosamente na Sala de Cima depois da Crucifixão de Jesus, não sabendo o que lhes iria acontecer. Hoje existe uma atmosfera do mesmo género de ansiedade no nosso país. No entanto, existe uma grande diferença entre a nossa espera e a dos discípulos. Nós sabemos que podemos esperar que aconteça a ressurreição em qualquer circunstância em que nos encontremos. Isto muda tudo.

Todos nos encontramos no Coração de Deus

Agora, nós sabemos que não estamos sós nesta caminhada. Nós vamos acompanhados por Jesus que nos prometeu estar connosco até ao fim dos tempos. Connosco vêm pessoas de todas as raças, idades, nações e credos, pessoas que lutam com os mesmos problemas e fazem as mesmas perguntas. À medida que nós entramos na oração, nós levamo-los todos connosco, sabendo que como seres humanos nós temos mais em comum do que temos de diferente. Todos nós estamos a sofrer a falta de paz no nosso

mundo. A nossa oração pessoal pelo fim do sofrimento, pela paz entre os povos, pela cura, tem impacto não só nas nossas próprias vidas mas também nas daqueles que amamos e pelos quais pedimos. Ela une-se à oração das pessoas de toda a parte, que estão rezando pelos mesmos fins. Todos nos encontramos no coração de Deus. Jesus mostrou-nos que Deus sofre connosco, assim como por nós, e compreende tudo o que enfrentamos nas nossas vidas. Mais do que sentirmo-nos alienados pelas nossas preocupações, nós podemos ser fortalecidos pelo conhecimento de que estamos unidos ao sofrimento das pessoas de toda a parte. Nós estamos nisto juntos e a nossa oração unida pode ser poderosa.



A força de Deus manifesta-se

A maioria de nós sente-se impotente face a estas crises mundiais que lançam a sua sombra sobre as nossas vidas. No entanto, se nós desejamos manter-nos nesse lugar de impotência, apesar do desconforto de não ter as respostas, podemos criar o espaço exacto no qual Deus pode agir de modo que nós nem podemos imaginar. Nos nossos momentos de fraqueza, a força de Deus manifesta-se. À medida que nós esvaziamos os nossos corações das nossas próprias agendas, planos e preocupações e nos refugiamos no coração de Deus, tornamo-nos dispostos a ser cheios com o infinito amor, a coragem e a esperança de Deus. Nós não necessitamos de compreender tudo o que está a acontecer, ou de ter as respostas específicas a todas as nossas questões, mas só necessitamos de estar desejando, no meio do nosso sofrimento, manter-nos firmes no abraço de Deus. O desafio é esperar no lugar da vulnerabilidade, da impotência e do "não-saber", continuando a confiar que a Vida triunfará nas nossas vidas e no nosso mundo. Mas isto pode ser assim porque Jesus nos mostrou que nós podemos esperar a Ressurreição.

Eu espero a ressurreição de cada morte por mais pequena, por mais frequente que seja.

Lynne Elwinger, OCD

Traduzido do inglês por Antonieta Vigário

SALVA-ME DESTA HORA

“Salva-me desta hora”. Quantas vezes, nós, mortais criaturas, gritamos por alívio. O que está a acontecer é muito para que eu o agente. Ouvimos Jesus dizer estas palavras no Evangelho. “Salva-me desta hora” (Jo 12, 27). Quando me sinto numa situação desesperada impelida a pronunciar-las muitos séculos mais tarde, os lábios de Cristo movem-se com os meus. É parte do mistério da nossa humanidade que Deus nos tenha feito tão frágeis e nos dê pesados fardos a aguentar. “Pai, salva-me desta hora”.

Esta não é uma declaração inamovível da parte de Jesus. Ele introduziu a frase admitindo, “Agora estou perturbado. O que devo dizer?” “Salva-ME desta hora” é uma resposta que Ele pesa e de que depois Se afasta. Ele reconhece que *esta hora* tem o seu próprio e especial objectivo. Para nós também, as horas das quais nós gostaríamos de nos libertar têm um significado no plano de Deus. O meu Pai do Céu explicar-me-á o seu significado quando eu entrar na realidade em que todas as questões têm resposta. Mas até lá, em qualquer forma de angústia, eu tenho o magnífico dom de Jesus, meu Irmão, que está comigo em tudo o que eu seja forçado a viver.

Ser cristão é entrar numa região em que o tempo é mais do que o tempo. Nós temos a Palavra Eterna que aguentou o peso dos momentos de sofrimento por nós. Estes momentos para Ele, como para nós, por vezes são pesados por uma tristeza opressiva e ainda mais aprofundada pelo medo e a apreensão de que a tristeza se possa aumentar mais a si própria e cave mais, chegando a uma dor ainda mais penetrante.

Santa Teresa de Lisieux, agora Doutora da Igreja, escreveu a um padre: “É muito consolador pensar que Jesus, o Deus Forte, conheceu as nossas fraquezas, que tremeu à vista do cálice amargo, este cálice que outrora desejara tão ardentemente beber” (CT 213). O Filho de Deus tornou-Se o Filho de Maria para Se ligar Ele próprio ao que nós aguentamos de terror e de medo. Quanto mais fácil teria sido para Cristo observar as nossas dificuldades como um espectador. Em vez disso, Ele entrou na verdadeira substância das agonias humanas. “Salva-me desta hora”. Jesus afasta-Se com medo do que está diante, como nós o fazemos quando estamos aterrorizados pelas possibilidades que sentimos que para as quais não estamos preparados ou que somos incapazes de

aguentar. Como cristãos, nós não nos voltamos para um Deus indiferente, implorando a ajuda de uma divindade muito distante das nossas tragédias de cortar o coração e das nossas perdas. O nosso Deus chorou lágrimas que lhe caíram pela cara abaixo, do mesmo modo que o choro molha a nossa face. Agora Ele entrou na glória, Ele inclina-Se para nós com ternura para limpar essas marcas de angústia. “O Senhor ergue todos os que caem e reanima todos os abatidos” (Salmo 145, 14). “Ele cura os de coração atribulado e trata-lhes as feridas” (Salmo 147, 3).

Em muitas sagas literárias, os heróis não mostram fraquezas, empenhando-se em lutas com uma energia que vence qualquer rival. Nessas histórias, vemos figuras elevadas muito acima dos meros mortais, que ficam atónitos com as suas espantosas capacidades. Jesus espanta-nos de um modo oposto – abraçando a nossa fragilidade, tendo Ele próprio a sensação de ser despojado, de perder a força, de se submeter até ao medo. Que deus pagão permitiria que tal fraqueza dominasse?

Como crianças, a primeira experiência de perda marca-se a si na nossa consciência num choque de reconhecimento terrível: o que nós temos nas nossas mãos e tocamos com os nossos dedos pode ser levado. Alguém que nós amamos diz adeus e nunca mais volta. Esta é uma lição difícil em qualquer idade e a natureza humana é, muito cedo, educada na privação.

O amor também deve muito frequentemente vestir fatos de luto. À medida que os anos passam, recebemos

mais lições sobre o sofrimento. Mas é-nos dada a alegria assim como a tristeza e encontramos-nos capazes de lidar mais facilmente com a alegria. O desejo exagerado do agradável mostra como a nossa natureza criada é feita essencialmente para a felicidade. O sofrimento é como que um desvio que somos forçados a fazer. O nosso último objectivo é a plenitude de bênção.

A Palavra Divina estava desejando entrar na realidade difícil da natureza sujeita à dor, de modo a que nós nunca estivéssemos sós na nossa dor. Chamamos à nossa existência aqui um exílio. Nós temos connosco um Amigo que partilha o exílio. Que escolheu deixar a bem-aventurança celestial para estar connosco. Tão verdadeiramente connosco que Jesus pôde dizer “Salva-me desta hora”, e então continuou em frente e abraçou tudo o que essa hora guardava. *Fez assim pela nossa salvação.*

Ir. Margeret Dorgan, CDM

Traduzido do inglês por Antonieta Vigário



Teresa do Menino Jesus

As grandes crises da sua vida

Há alguns autores que colocam a origem de todas as crises de Teresa na morte da sua mãe. Ela realmente coloca esta data como um marco da sua vida. Escreve: *“Foi a partir desta época da minha vida que tive de entrar no segundo período da minha existência, o mais doloroso dos três, sobretudo depois da entrada no Carmelo daquela que escolhera para minha segunda «Mãe»”* (Ms A 13r).

Como ela mesmo diz: *“Este período vai dos quatro anos e meio até aos meus catorze anos”* (ib.).

Teresa parece ter superado muito facilmente esta prova, uma vez que encontrou na sua irmã Paulina uma verdadeira mãe. A mudança de Alençon para Lisieux também não produz nenhum desajuste da sua vida. Ela adaptou-se facilmente, vive feliz e contente na nova casa, *“ninho gracioso da minha infância”* (Ms A 69r).

Os primeiros quatro anos em Lisieux podiam-se resumir nestas palavras da Santa: *“A minha vida decorria tranquila e feliz. O afecto com que era rodeada nos Buissonnets fazia-me, por assim dizer, crescer, mas eu já era sem dúvida bastante grande para começar a lutar, para começar a conhecer o mundo e as misérias de que está cheio...”* (Ms A 22r).

Pensamos que a mudança do seu carácter começa a partir da sua entrada no colégio das beneditinas. Aos oito anos e meio, Teresa começa a notar certa mudança na sua vida. Aquela criança viva e expansiva começa a tornar-se tímida e doce, sensível em extremo. No dia 3 de Outubro, entra no colégio. Tem oito anos e nove meses. Como ela ia bem preparada, a directora do colégio coloca-a na classe verde.

Por este motivo, Teresa não se encontra entre as meninas da sua idade. As companheiras de classe são todas maiores que ela, algumas levam-lhe quatro anos. Teresa vai pagar caro esta decisão errada da direcção do colégio. Com as alunas da sua idade não tem problemas de convivência, com as da sua classe, sim que os tem; são muito dissipadas e indisciplinadas.

Embora sendo a mais jovem da turma, é a que tira melhores notas. As professoras estão encantadas com ela, não assim as suas colegas. Estas sentem inveja, não suportam a presença de Teresa e, por isso, é objecto de mil diabruras. Este choque é terrível. Ela mais tarde escreverá a sua irmã: *“Os cinco anos que lá passei foram os mais tristes da minha vida. Se não tivesse tido comigo a minha querida Celina, não teria podido lá ficar um único mês sem cair doente... A pobre Florzinha estava habituada a enterrar as suas frágeis raízes numa terra escolhida, feita*

expressamente para ela, e por isso, pareceu-lhe muito duro ver-se no meio de flores de todas as espécies, com raízes muitas vezes bem pouco delicadas” (Ms A 22r).

Com a sua natureza tímida e delicada, não se sabia defender. *“Conformava-me com chorar sem dizer nada”* (Ms A 22v). Não se queixava, nem sequer, à sua irmã Paulina. Como não tinha virtude bastante *“para me elevar acima dessas misérias da vida”*, *“o meu pobre coraçãozinho sofria muito...”*. Como todas as noites voltava ao lar paterno, *“então o meu coração expandia-se: saltava para os joelhos do meu Rei, dizendo-lhe as notas que me tinham dado, e o seu beijo fazia-me esquecer todas as minhas penas”* (ib.).

Paulina no Carmelo

Em Fevereiro de 1882, Paulina toma a decisão de entrar no Carmelo. Foi uma decisão tomada repentinamente. Nos *Buissonnets* todos conhecem o segredo, menos Celina e Teresa. No Verão, Teresa soube-o por casualidade. O golpe foi terrível.

Esta decisão da irmã, para ela, foi frustrante. Perdeu, além disso, a sua “segunda mãe”. *“Ah! Como poderia exprimir a angústia do meu coração?... Derramei lágrimas bem amargas”* (Ms A 25v).

Paulina procura consolá-la e faz-lhe ver a beleza da vida carmelitana. Teresa compreendeu rapidamente que o Carmelo seria o deserto a que Deus a chama.

Do encontro com Paulina, no Carmelo, Teresa saiu decidida a ser carmelita. Esta esperança traz um pouco de calma e sossego ao seu coração muito martirizado.

Teresa tem que voltar novamente para o colégio. *“O dia 2 de Outubro era o dia fixado para a abertura das aulas na Abadia. Portanto, tive que ir, apesar da minha tristeza...”* (Ms A 27r).

Aparece algo inesperado que para ela vai ser motivo de mais sofrimento. Neste segundo ano do colégio toca-lhe fazer a primeira comunhão, mas o sínodo diocesano retardou a idade da primeira comunhão. Por dois dias que a decisão não a afectaria. Por isso mesmo, o seu tio vai a Bayeux para solicitar a dispensa, mas o seu pedido não foi atendido..

Uma doença estranha

Teresa, aos 10 anos de idade, foi sujeita a uma grave doença. Começou no dia 25 de Março de 1883 pela noite e terminou a 13 de Maio. Durou pouco mais de mês e meio. O dia 6 de Abril, dia da tomada de hábito de Paulina, manteve-se em suspenso. No dia seguinte recaía mais gravemente.

Teresa faz alusão a ela na *História de uma Alma*, mas sem grandes pormenores. Silencia as convulsões, as crises motoras da doença; pelo contrário fala muito



claramente das alucinações, os desvanecimentos, os gritos de terror, os delírios, etc.

A sua irmã Maria testemunhou acerca desta doença nos *Processos*: “Aos 10 anos a Serva de Deus foi tocada por uma estranha doença, doença que, certamente, vinha do demónio, que como ela diz no seu manuscrito, tinha recebido poder sobre ela. Diz que durante a sua doença não perdeu um só instante o uso da razão. Efectivamente, jamais lhe ouvi uma palavra que não tivesse sentido, e jamais esteve delirando. Mas tinha visões aterradoras que gelavam aqueles que ouviam os seus gritos de angústia. Alguns pregos, cravados nas paredes do quarto, pareciam-lhe repentinamente como grossos dedos carbonizados, e exclamava: Tenho medo! Tenho medo! Os seus olhos tão serenos e tão doces, tinham uma expressão de espanto, impossível de descrever. Outra vez veio meu pai sentar-se junto da sua cama. Tinha o chapéu na mão. Teresa olhava-o sem dizer palavra porque falava muito pouco durante a doença. Depois, como sempre, num abrir e fechar de olhos, mudou a expressão, cravou os seus olhos no chapéu, e gritou: Oh! a horrível besta negra! Os gritos tinham algo de sobrenatural. Havia que tê-los visto para fazer-se uma ideia. Um dia estava presente o médico a uma dessas crises, e disse a meu pai: A ciência é impotente perante estes fenómenos. *Não há nada que fazer.*”

Posso afirmar que o demónio intentou matar a minha irmã. A sua cama estava posta numa habitação grande, e à cabeceira e aos pés havia um espaço vazio por onde intentava precipitar-se. Isto sucedeu muitas vezes, e eu interrogo-me como não partiu a cabeça sobre o pavimento. Contudo não tinha uma ferida sequer. Também muitas vezes queria falar-me e não emitia qualquer som.

A crise mais terrível de todas, ela própria a narra na sua vida. Pensei que ela sucumbiria. Vendo-a esgotada naquela dolorosa luta, quis dar-lhe de beber, mas gritou aterrorizada: querem-me envenenar! Então foi quando me arrojéi, com minhas irmãs, aos pés da Santíssima Virgem...”

A cura milagrosa

Teresa narra assim a sua cura: “*Não encontrando na terra nenhum auxílio, a pobre Teresinha voltara-se também para a sua Mãe do Céu; pediu-lhe com todo o coração que tivesse finalmente piedade dela... De repente, a Santíssima Virgem pareceu-me bela, tão bela como nunca vira nada tão belo: o seu rosto irradiava uma bondade e uma ternura inefáveis; mas o que me penetrou até ao fundo da alma foi o «encantador sorriso da SS^{ma} Virgem». Então todos os meus males se desvaneceram. Duas grossas lágrimas brotaram das minhas pálpebras e deslizaram silenciosamente pelas minhas faces; mas*

eram lágrimas de uma alegria pura... Ah! pensava, a SS^{ma} Virgem sorriu-me! Como sou feliz!...” (Ms A 30r).

Ouçamos a Leónia nos *Processos*: “O mal chegou ao seu paroxismo. Aterradas e desoladas, no decurso de uma crise mais violenta que todas as outras, as minhas irmãs e eu ajoelhámo-nos aos pés de uma imagem de Nossa Senhora que havia no quarto. Eu soluçava com a cabeça entre as mãos, pelo qual não vi a expressão extática da doente, favorecida com a visão da Santíssima Virgem. Somente quando me levantei da minha oração encontrei a Teresinha perfeitamente curada. O seu rosto recobrou a serenidade e a beleza e jamais reapareceu depois algum rasto desta estranha doença”.

Em Teresa a cura é súbita e instantânea e vai precedida por uma visão de Nossa Senhora. A menina estava desenganada; perante a impotência da medicina, deveria ter sucumbido numa daquelas crises esgotantes que precederam a visão de Nossa Senhora.



Natureza da doença

Estamos perante uma doença cuja natureza é muito difícil de diagnosticar. Ao Dr. Notta, insinuaram, pelo menos, a possibilidade de uma fase de histeria infantil; mas, observados mais atentamente os sintomas, opinou: “Dê-se-lhe o nome que se quiser, para mim não é histeria”.

Seria pueril fechar, sem mais, os olhos a uma possível tese psiquiátrica, por julgá-la indigna duma santa canonizada e aferrar-se a uma posição sobrenatural por parecer mais de acordo com os ditames da própria Teresa. Uma doença de carácter puramente psiquiátrico, cuja cura dependesse

totalmente de um psiquiatra, nada retiraria à santidade de Teresa, uma vez que ficou curada sem que dela ficasse qualquer marca.

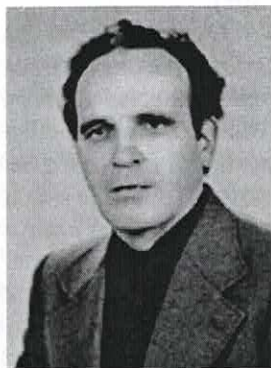
Segundo o Dr. Gayral, professor na faculdade de medicina de Toulouse, tratava-se de uma regressão afectiva. Depois da morte da mãe sofre afectivamente. O vazio deixado pela mãe não é suficientemente compensado. A entrada de Paulina no Carmelo e a permanência no colégio das beneditinas nas condições conhecidas agravou o problema. Teresa tem 10 anos e sente-se só e abandonada. Trata-se de nevrose, na sequência de seis meses de angústia: “Vivendo na impressão de ser abandonada pela sua segunda mamã, ela caiu numa atitude de regressão infantil para se fazer amimar como um bebé”.

Teresa procura segurança e carinho e vê-se então reconfortada com a visão da Mãe por excelência.

(Continua)

P. JEREMIAS CARLOS VECHINA

PARTIRAM PARA A CASA DO PAI



**P. José Tomás
de S. João da Cruz**

O seu nome de baptismo era Santiago Segura Crespo. Nasceu no dia 10 de Fevereiro de 1925 em S. Miguel, Tudela (Espanha). No dia 30 de Dezembro de 1936 entrou para o Seminário dos Carmelitas Descalços, em Vila Franca de Navarra. No dia 10 de Maio de 1941 deu início ao noviciado, em Larrea. Fez os estudos eclesiásticos em Pamplona, Vitória e Bilbao. No dia 19 de Setembro de 1948 fez a sua profissão solene em Bilbao, o mesmo local onde seria ordenado de presbítero a 18 de Junho de 1950.

Após a sua ordenação, veio para Portugal. Foi membro das Comunidades de Elvas, Funchal, Aveiro, Braga e Viana do Castelo. Por onde passou deixou marcas de simpatia, cordialidade e amizade. Mas foi no Seminário do Carmo, em Viana do Castelo, que o P. Zé Tomás viveu grande parte da sua vida. Faleceu no dia 4 de Janeiro de 2005.



**Ir. Maria Branca
de Fátima e
da Ss. Trindade**

A Ir. Maria Branca de Fátima e da SS.ma Trindade (Maria Blanca Wainewright) nasceu em Kensington, Inglaterra, a 23 de Outubro de 1932.

Foram seus pais Guy Alexander Wainewright e Joan Barbara Maria Wainewright, grandes benfeitores da Ordem, não só por terem dado uma filha ao Carmelo, mas por terem doado a sua casa para noviciado da nossa Ordem.

Entrou no Carmelo de Coimbra a 30 de Outubro de 1949, vindo a professar no dia 31 de Maio de 1951. Fez a sua Profissão Solene a 31 de Maio de 1954. A 29 de Abril de 1970 foi como fundadora para o Carmelo da Imaculada Conceição do Bom Jesus de Braga. Faleceu a 08 de Janeiro de 2005.

Entre os seus escritos encontrou-se este: «Abandono-Vos com todo o amor as circunstâncias e a hora da minha morte. Desejaria morrer na Cruz, como Jesus, praticando um acto de caridade fraterna; mas também este desejo eu o abandono à Vossa vontade...

Só Vos peço duas coisas: 1ª- não permitais que jamais eu Vos ofenda voluntariamente na mais mínima coisa; antes quero morrer; 2ª- peço-Vos que Vos sintais inteiramente livre a meu respeito, livre para tudo pedir, tudo exigir, tudo imolar... Não façais cerimónias comigo, cumpri em mim a vossa vontade!

Não quero ser carmelita só de nome, quero ser carmelita plenamente, toda entregue pela vossa Glória, pela Santa Igreja, pela salvação de todas as almas».

15-08-1966

Ir. Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado

Lúcia nasceu a 28 de Março de 1907, em Aljustrel, e foi baptizada a 30 de Março, na Igreja paroquial de Fátima. Foram seus pais António dos Santos e Maria Rosa.

Foi a última de sete irmãos: seis meninas e um rapaz. Fez a sua primeira comunhão aos seis anos e começou a vida de pastora. Em 1917, os primos Francisco e Jacinta Marto acompanharam-na nesta tarefa. 1917 é o ano das Aparições de Nossa Senhora.



Lúcia ocupa um lugar especial nestas aparições, uma vez que é a única que fala com Nossa Senhora e d' Ela recebe a mensagem para dar a conhecer futuramente ao mundo.

Depois das Aparições, a vida de Lúcia complicou-se imenso. Para evitar maiores problemas à família, o Bispo da Diocese de Leiria ordenou que ela entrasse como educanda no Colégio das Irmãs Doroteias de Vilar, o que veio a acontecer a 17 de Junho de 1921. Aqui, entre as irmãs, descobriu a vocação religiosa. Decidida a ser religiosa doroteia iniciou o postulante em Pontevedra (Espanha) em 1925. No dia 2 de Outubro de 1926, deu início ao noviciado em Tuy, vindo a professar no dia 3 de Outubro de 1928. Em Tuy permanece uns anos. Em 1934 voltou novamente para a comunidade de Pontevedra. Em 1937, é destinada novamente à comunidade de Tuy. Aqui passa o flagelo da guerra civil espanhola. Em 1946, regressou a Portugal para ser integrada na Casa do Sardão, em Vila Nova de Gaia.

Nesta data, veio a Fátima para reconhecer os locais das Aparições. Antigos desejos de retiro e solidão, levaram-na a olhar para o Carmelo. As dificuldades para aí ingressar não foram poucas. A Ir. Lúcia estava preparada para todo o género de sofrimentos. Este também seria vencido e, no dia 25 de Março de 1948, obteve do Papa Pio XII a licença para entrar no Carmelo. Os bispos do Porto e de Leiria disputaram a sua presença. Para que nenhum levasse de vencida, escolheu o convento de Santa Teresa de Jesus, em Coimbra.

Tomou o hábito de Carmelita a 13 de Maio de 1948, vindo a professar a 31 de Maio do ano seguinte.

Aqui permaneceu até que o Senhor a chamou a si, o que veio a acontecer a 13 de Fevereiro de 2005, contando quase noventa e oito anos.

A Ir. Lúcia não era uma escritora de profissão. Mas

o desejo de espalhar a mensagem de Nossa Senhora despertou nela uma enorme tendência para a escrita. Quantas vezes não mostrou o desejo de ter estudado! A mensagem ganharia com isso, dizia ela, mas o seu Bispo, D. José, que era o seu director espiritual, queria que ela crescesse como a erva do campo.

Tudo o que a Irmã Lúcia escreveu não nasceu de vontade própria. As *Memórias* escreveu-as por ordem de D. José Alves Correia da Silva, primeiro Bispo da Diocese de Leiria.

A estas *Memórias* veio juntar mais tarde uma biografia de seus pais.

A última obra da Ir. Lúcia a ver a luz do dia é «Apelos da Mensagem de Fátima». Esta obra nasceu dum pedido (ordem) que o P. Anastácio do Santíssimo Rosário, Geral da Ordem, fez à Ir. Lúcia na sua passagem pelo Carmelo de Coimbra, aquando da sua primeira Visita Pastoral a Portugal. Como podemos observar, o tempo transcorrido entre a execução da obra e a sua publicação, foi bem longo. Esta sua obra, antes de ser editada, foi aprovada pela Congregação da Doutrina da Fé.

A herança espiritual e humana que a Ir. Lúcia nos legou, através dos seus livros e cartas, que são muitas, oferece-nos uma íntima relação com Jesus e Maria. Como Maria, e como boa Carmelita, ela lia, meditava e mastigava a Palavra de Deus. Os seus livros e cartas são bem mostra disso. A sua vida e a vida dos seus primos, que ela revelou nas primeiras cartas ao Bispo D. José, sirvam de modelo para todos quantos querem ouvir e realizar os pedidos da Virgem da Cova na Iria.

As últimas palavras da Ir. Lúcia foram: «Pelo Santo Padre!... Nossa Senhora!... Nossa Senhora!... Anjinhos! Coração de Jesus!... Coração de Jesus!... Vamos, vamos... Para o Céu. Com Nosso Senhor... Nossa Senhora... e os Pastorinhos...».



O Sri Lanka e o projecto de lei anticonversões

A Igreja recebeu com surpresa e preocupação o facto de que alguns monges budistas – que nas eleições gerais de Abril passado formaram um partido político, conseguindo nove lugares no Parlamento – tenham apresentado oficialmente à Assembleia legislativa do país uma proposta de lei «anticonversões».

O «Documento anticonversões» prevê até 7 anos de cárcere para quem leve a cabo o delito de «conversões não-éticas».

A publicação do texto no Boletim Oficial do Parlamento do Sri Lanka surpreendeu os católicos – confirma «Fides» –, entre outras razões, porque nos últimos dias os bispos haviam dado passos, com encontros e contactos pessoais, para explicar os motivos da oposição da Igreja a uma medida similar.

Mas os nove monges que estão no Parlamento – após uma opção de militância política que fracturou o próprio contexto budista – são expressão de sectores animados por um nacionalismo fundamentalista orientado a preservar a identidade budista do país, segundo informa «Fides».

Daí que o projecto da norma apresentada declare abertamente a vontade de defender o budismo como religião dominante no Sri Lanka e de querer contrapor as conversões obtidas com meios fraudulentos – persuasão através do dinheiro, assistência social ou benefícios de qualquer género.

«Os monges budistas revelaram-se contra algumas acções de proselitismo levadas a cabo por seitas protestantes – explicou a «Fides» uma fonte da Igreja local – mas a comunidade católica também pagará o preço caso essa lei seja aprovada. Muitas actividades caritativas ou missionárias poderão estar em sério perigo».

Os monges budistas já haviam pedido ao governo precedente que apoiasse esta medida, mas receberam uma negativa. Por isso decidiram entrar na política activa, criando dissensão em grande parte do mundo budista, unido a uma filosofia do desapego das actividades mundanas.

Em Janeiro passado, após alguns estouros de fundamentalismo budista que chegaram à destruição de algumas igrejas cristãs, os bispos católicos do Sri Lanka condenaram em um comunicado oficial o proselitismo, defendendo a opção pessoal de consciência de cada pessoa a poder mudar de religião.

Advertiram também que a lei anticonversões «não faria outra coisa senão polarizar o sentido confessional na sociedade» e que «não resolveria o problema, mas que aumentaria o ódio entre comunidades de religião distinta».

A Igreja pede, ao contrário, a instituição de uma comissão conjunta, com representantes do governo e das diferentes religiões, que enfrente e resolva a questão, caso por caso.

A Constituição do Sri Lanka reconhece ao budismo uma posição relevante, mas garante aos fiéis de outras confissões o direito a praticar a própria fé livremente. No país, de uma população de quase 20 milhões de habitantes 70% são budistas, 15% hindus, 8% cristãos (destes, 6,7% são católicos) e 7% são muçulmanos.

Comunidade S. João Cruz Aveiro

Esta Comunidade esteve em festa no dia 12 de Dezembro de 2004. Na Eucaristia das 18h30m, presidida pelo Frei Silvino, assistente desta Comunidade Secular, fizeram as suas promessas nove irmãos (três fizeram promessas definitivas e seis as primeiras promessas).

Foi um dia em que toda a Comunidade se juntou, dando testemunho da sua união e do amor que os une em Cristo e na Mãe do Carmo.

Esta Comunidade pede a Deus, por intercessão dos nossos pais espirituais, Sta Teresa de Jesus e S. João da Cruz, que a ajude a dar testemunho da sua espiritualidade, a estar receptiva à sua Doutrina e aplicá-la na sua vida.

Obrigado, Senhor, pelo sim dos nossos irmãos, comprometidos em servir a Comunidade e sobretudo em seguir-Te em todos os momentos das suas vidas.

RITA PÁSCOA

Encontro Nacional da Ordem Secular

Realizar-se-á em Fátima o Encontro Nacional da Ordem Secular nos dias 6, 7, 8 de Maio. O Encontro terá lugar no Centro Catequético.

O Jornal “Flor do Carmelo” só será enviado às comunidades que o solicitarem e a quantidade que quiserem. Sairão 4 números ao ano. A assinatura anual é de 5 euros. Façam o pedido, por escrito, por telefone ou por e-mail.



Boletim Informativo das Fraternidades da Ordem Secular da Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo dos Carmelitas Descalços * Fotocomposição: P. Pedro Lourenço Ferreira * Responsável da publicação: P. Jeremias Carlos Vechina * Sede: Rua de Gondarém, 274 – 4150-371 PORTO * Tel. 226181683 – Fax 226189391 * jeremias@carmelitas.pt; Sítio: www.carmelitas.pt